

Murad: do sonho do “Karmann Ghia” à coleção de carros



Desde o tempo da faculdade de Medicina, em São José do Rio Preto, em que fazia bicos como caminhoneiro para pagar os estudos, que o atual Coordenador do Serviço de Cardiologia dos Laboratórios Delboni Auriemo e Lavoisier, Alexandre Murad Neto, sonhava em comprar um “Karmann Ghia”, um carro que achava lindo.

Formado em 1975, o cardiologista teve que trabalhar dez anos até “sobrar um dinheirinho”, quando então realizou seu sonho. O problema, reconhece ele, é que de tanto cobiçar os modelos de automóveis mais famosos, a essa altura ele já tinha sido infectado pelo “vírus da ferrugem” e, é claro, não ficou num carro só. Pouco depois ele vendeu o primeiro carro, comprou um “Oldsmobile” conversível, 1962, e hoje mantém uma garagem para abrigar a importante coleção de carros das décadas de 1930, 1940 e 1950, entre os quais se destaca um “Cadillac Fleetwood”, 1946.



A coleção não é só um “hobby”, diz o cardiologista, pois quando está estressado, “sujo a mão de graxa”, o que é mais uma força de expressão, uma vez que o médico tem uma equipe de funileiros, mecânicos e eletricitas conhecidos de sua confiança, tanto que não tem dúvida alguma em “embarcar” em carros como um “Belair”, 1955, para viagens ao Rio Grande do Sul ou a Águas de Lindóia, para eventos de Antigomobilismo. Colecionar automóvel é uma atividade praticamente sem fim, e às vezes até lucrativa, pois Murad explica que um carro raro, como o “Karmann Ghia” conversível, tem grande valor, pois “só 167 foram produzidos, dos quais 40 exportados para o exterior”, o que torna os poucos remanescentes muito valorizados.

O “hobby” é também um formador de amizades, pois hoje Murad tem amigos colecionadores em todo o Brasil e, através deles, consegue desenvolver atividades filantrópicas. Ainda no dia 30 de maio, ele e sua esposa organizaram, em Moema, a “Carreata da Solidariedade”, da qual participaram 95 carros antigos. Os colecionadores se reuniram na Igreja Nossa Senhora da Esperança e saíram percorrendo as ruas do bairro, “buzinando”, pedindo agasalhos e alimentos não perecíveis para entidades, como Amparo Maternal, Centro Promocional Dino Bueno, com 350 adultos e 350 crianças de rua,

Centro Comunitário N.S. de Fátima, em Caucaia, com 700 crianças, Comunidade São Bernardo, favela da Vila Livieiro, com 290 crianças. “A gente ia passando pelos prédios e todo mundo jogava agasalhos, fizemos uma bela arrecadação, é nossa modesta maneira de ajudar os mais necessitados”, conclui o cardiologista que, além de coordenar 25 serviços da especialidade nos dois laboratórios nos quais trabalha, ainda arranja tempo para dar sua contribuição para o comitê do Selo de Aprovação da SBC/Funcor e como tesoureiro do DERC.

